HVMANITAS

[Recensão a] SOARES, Cármen Isabel Leal - Platão, O Político

Autor(es): Martins, António Manuel

Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/27994>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_60_40

Accessed : 26-Apr-2023 14:04:16

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

humanitas

Vol. LX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

HUMANITAS

Vol. LX

transgressión de las normas, tanto sociales como familiares y literarias, que dan en la figura rebelde y dócil al mismo tiempo del sujeto autobiografiado. El estudio se centra en el capítulo “The Figures in the Clock”, donde la narradora describe su escisión entre el personaje de Catilina que ella representa en una función escolar y al que ella quiere dotar de nobleza por su atractiva rebeldía, y el de César, un autor que la escritora lee con fruición por aquella época y que es al mismo tiempo un modelo de escritura autobiográfica objetivada. El capítulo es contextualizado en el conjunto de la obra, de cuyas pautas participa en esa complicación irónica desde el punto de vista narrativo y en la división que caracterizará a la autora de por vida entre el yo individual y el social, entre la situación particular y las expectativas generales.

El último trabajo del volumen cierra el círculo abierto por el primero y regresa al tema de la vitalidad de los mitos y de la figura de Penélope con *The Penelopiad*, de Margaret Atwood, en la contribución de la Dra. Adriana Bebianio, “O sexo do desejo: Margaret Atwood reescreve Penélope”. La estudiosa destaca el significativo cambio de punto de vista de una obra que se pretende en competencia con la *Odisea*, su desmentido. Penélope, interpretada por Adriana Bebianio como una mujer amarga que habría querido ser Helena, relata su decepción como sujeto femenino que reivindica su derecho al deseo, que no se ve, en cambio, satisfecho. Al defender a sus criadas y darles a ellas también todo el protagonismo literario, la obra de Atwood sería una defensa feminista del derecho de las mujeres a poder elegir, algo que en la Antigüedad está fuera del alcance no sólo de las esclavas, violadas y sometidas a trabajos forzosos, sino también de las señoras del hogar al que están confinadas. El estudio amplía el análisis comparativo con otras propuestas modernas sobre el deseo y su categorización sexuada, como las de Neil Gaiman, sobre todo.

En definitiva, el volumen aborda los principales temas de la identidad (de género, religiosa, política, social e individual) en su relación con los parámetros normalizados y sus desviaciones o transgresiones. La variedad temática y de enfoques disciplinares lo hacen interesante por demás y de su calidad da cuenta el nombre propio de los participantes escogidos.

LUCÍA ROMERO MARISCAL

SOARES, Carmen Isabel Leal, *Platão, O Político*. Tradução do grego, introdução e notas, Lisboa, Círculo de Leitores, 2008, 214 pp. ISBN: 978-972-759-995-0

Ficamos a dever a Carmen Soares a possibilidade de ler *O Político* de Platão numa tradução rigorosa baseada nas melhores edições críticas do texto. Segue a nova edição crítica das obras de Platão (Oxford, OCT, 1995). Tratando-se de uma tradução integrada num programa de textos clássicos do pensamento político – de

Platão a Marx – Carmen Soares, prudentemente, não sobrecarregou esta edição com informação especializada que poderia interessar ao leitor de estudos clássicos ou de filosofia antiga remetendo este tipo de leitor para a bibliografia indicada em notas e no final. Isto sem ceder no rigor da tradução deste difícil texto de Platão que, além de vocabulário técnico especializado em determinadas áreas (zoologia e tecelagem), apresenta uma série de neologismos que Luc Brisson e J. F. Pradeau enumeram em apêndice à sua tradução. Na tradução e comentário, Carmen Soares faz um confronto frequente com esta tradução, que é tida pela melhor tradução em língua francesa deste diálogo de Platão. O mesmo se pode dizer da tradução e comentário de Christopher Rowe para a língua inglesa. Deste confronto com os melhores intérpretes deste texto platônico retira Carmen Soares o esclarecimento adequado dos passos mais difíceis.

Na introdução, Carmen Soares começa pela questão da cronologia indicando ao leitor o consenso possível relativamente à *data real* e à *data dramática* deste diálogo. Em seguida, apresenta a análise convencional da estrutura essencial da obra (pp. 11–17) em quatro partes: prólogo (257a1–258b2); a primeira definição da política, através da divisão (258b2–268d4); a segunda definição da política, através do mito (268d5–277c8); a terceira definição da política, através do paradigma (277d1–311c8). A “teorização política em Platão” (pp. 18–29) inclui uma breve contextualização dos sentidos de *politikos* e *politike technē* bem como da sua relação com a discussão de assuntos semelhantes em outras obras de Platão com destaque para *A República* e *As Leis*.

As notas ao texto platônico (pp. 191–210) servem de excelente ajuda ao leitor na medida em que fornecem informação do seguinte tipo: uma explicação sumária do contexto; uma justificação da tradução escolhida; uma explicação breve de um argumento; remissões para a bibliografia secundária e muito particularmente para os comentários de Rowe, Brisson/Pradeau e Migliori. Deste modo, fornece aos leitores as indicações suficientes para perceberem as opções feitas na tradução e a linha de interpretação seguida.

A tradução é fluente sem perder o rigor filológico. Sabemos todos que os problemas e as divergências começam naquilo que parece ser o vocabulário mais central. Traduzir *epistēmē* por “ciência” continua a ser uma opção corrente e escolhida por alguns dos melhores intérpretes (Brisson/Pradeau traduzem também por “science” mas chamam a atenção, em nota, para as diferenças ao nível do campo semântico) mas tem, obviamente, os seus problemas e, por isso, qualquer que seja a opção, recomenda-se uma justificação. Em 258c7 Carmen Soares traduz livremente *psychē* por “entendimento”, na linha de Rowe que usa “our minds”, mas Brisson/Pradeau conservam a tradução mais convencional “âme”. Com todos os problemas que o termo comporta, não creio que se possa evitar esta tradução convencional por “alma” (“princípio vital” também é usado por bons tradutores mas não facilita a fluidez do texto), sendo conveniente, isso sim, chamar a atenção

do leitor para o sentido exacto do termo nos textos antigos. O passo 300c4-6 fornece um bom exemplo de como a “simples” tradução de uma ou duas frases pode alterar significativamente a interpretação de um texto. Carmen Soares traduz assim:

“Pois bem, estas leis, redigidas sob o aconselhamento de pessoas que sabem o que é possível saber, seriam imitações da verdade de cada uma das coisas?”

Tal como Brisson/Pradeau, Carmen Soares segue a interpretação mais tradicional deste passo interpretando “estas” (*tauta*) como sujeito da frase que se referiria às “leis” (*nomoi*) discutidas em 300b. Porém, Rowe interpreta a frase tomando como sujeito as “imitações da verdade” que são identificadas com “estas coisas”, isto é, com as leis redigidas por pessoas que sabem (*parà tòn eidóton*). Esta interpretação ainda é minoritária e poderá a tradutora ter muito boas razões para a rejeitar. Contudo, não se pode negar que, para além da questão de leitura directa e mais literal do texto grego, implica também uma outra possibilidade de interpretar o estatuto da “lei” e dos códigos em *O Político*, bem como do seu lugar entre *A República* e *As Leis*. Não podemos pedir à Doutora Carmen Soares que altere a sua interpretação do texto mas sugeríamos que introduzisse, em futura edição, uma nota explicativa.

Ainda a propósito de futuras edições deste texto, sugeríamos ao editor que optasse pela boa prática de colocar sempre o número da página da edição de referência (H. Stephanus, 1578) no início de cada página da edição portuguesa. Basta seguir o exemplo da edição crítica de Oxford (OCT). À tradutora sugeríamos que fizesse duas pequenas alterações na bibliografia final: que retirasse da primeira secção o texto editado por S. Everson e que introduzisse uma tradução espanhola deste diálogo (por ex. a da Gredos).

A edição está muito bem cuidada, sem erros tipográficos (só conseguimos detectar um na última página, no título da obra de S. Rosen). Esta tradução pode ser, justamente, considerada a versão de referência deste diálogo platónico no mundo da lusofonia.

ANTÓNIO MANUEL MARTINS

SÓFOCLES, *Antígona*. Introdução, versão e notas de Maria Helena da Rocha Pereira, Lisboa, FCG, 2007 (7ª ed. rev.), 138 pp. ISBN: 978-972-31-1180-4.

SÓFOCLES, *Filoctetes*. Introdução, versão do grego e notas de José Ribeiro Ferreira, Lisboa, FCG, 2007 (4ª ed.), 127 pp. ISBN: 978-972-31-0756-2.

A publicação da Obra Completa de Sófocles em 2003, no âmbito das iniciativas promovidas pelos responsáveis de *Coimbra Capital da Cultura*, em colaboração com a Imprensa da Universidade de Coimbra, trouxe ao público em geral o conhecimento de traduções rigorosas e esteticamente apuradas, quase todas já